



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JOÃO CARLOS BARBOSA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO SISTEMA
AGROALIMENTAR: A ALTERNATIVA DA DESGLOBALIZAÇÃO**

**JOÃO PESSOA
2021**

JOÃO CARLOS BARBOSA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO SISTEMA
AGROALIMENTAR: A ALTERNATIVA DA DESGLOBALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Graduação em Relações Internacionais da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Lima da Silva

JOÃO PESSOA
2021



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

FOLHA Nº 1 / 2021 - CCSA - DRI (11.01.13.07)

Nº do Protocolo: 23074.106684/2021-14

João Pessoa-PB, 20 de Outubro de 2021

JOÃO CARLOS BARBOSA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO SISTEMA AGROALIMENTAR:
A ALTERNATIVA DA DESGLOBALIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de bacharel (a) em
Relações Internacionais.

João Pessoa, 19 de outubro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Lima da Silva (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Profa. Dra. Eliane Superti
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Prof. Dr. Lucas Milanez de Lima Almeida
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

(Assinado digitalmente em 20/10/2021 15:32)

ELIANE SUPERTI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1295966

(Assinado digitalmente em 20/10/2021 16:24)

**LUCAS MILANEZ DE LIMA
ALMEIDA**
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2701703

(Assinado digitalmente em 27/10/2021 12:00)

THIAGO LIMA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1743644

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

S586s Silva, Joao Carlos Barbosa da.

solicitar alteração no título, devendo ser: As
implicações da pandemia do coronavírus no sistema
agroalimentar e o fenômeno da desglobalização /
Joao Carlos Barbosa da Silva. - João Pessoa,
2021.
28 f.

Orientação: Thiago Lima da
Silva. TCC (Graduação) -
UFPB/CCSA/DRI.

UFPB/C 1. COVID-19. 2. Sistema agroalimentar CDU
CSA Desglobalização. I. Silva, Thiago Lima da. II.
Título. 327.1631(02)

AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO SISTEMA AGROALIMENTAR: A ALTERNATIVA DA DESGLOBALIZAÇÃO

JOÃO CARLOS BARBOSA DA SILVA

RESUMO

Como o mundo chegou a este ponto crítico? Essa é uma das questões levantadas no Relatório de Segurança Alimentar e Nutricional no mundo (SOFI), divulgado este ano pela FAO, se referindo ao aumento da fome no mundo em 2020. Diante desse contexto, o presente trabalho de pesquisa se debruça sobre a atual configuração do sistema agroalimentar internacional e como as suas vulnerabilidades, frente à crise do coronavírus, se apresentam uma oportunidade para pensar o mundo por vir. Desse modo, é trazido que a perspectiva da desglobalização, aliada à ideias como a questão da reforma agrária e da soberania alimentar, possui a capacidade de tornar os sistemas alimentares mais resilientes e sustentáveis. As considerações finais destacam que, a partir da literatura científica abordada, as relações entre o fenômeno da desglobalização e o projeto de reforma agrária no sul global ainda não são amplamente estudadas. Assim, o propósito do presente trabalho é contribuir para esse campo de estudos no âmbito das relações internacionais.

Palavras-chave: COVID-19. Sistema agroalimentar global. Desglobalização.

ABSTRACT

How did the world get to this critical point? This is one of the issues raised in The State of Food Security and Nutrition in the World (SOFI) report, released this year by FAO, referring to the increase in hunger in the world by 2020. In this context, this research report focuses on the current configuration of the international agri-food system and how its vulnerabilities, in the face of the coronavirus crisis, present an opportunity to think about the world to come. Thus, it is brought that the perspective of deglobalization, combined with ideas such as the issue of agrarian reform and food sovereignty, has the ability to make food systems more resilient and sustainable. The final considerations highlight that, from the scientific literature addressed, the relations between the phenomenon of deglobalization and the agrarian reform project in the global south are not yet widely studied. Thus, the purpose of this work is to contribute to this field of studies in the discipline of international relations.

Keywords: COVID-19. Global agri-food system. Deglobalization.

1 Introdução

A atual modelagem do sistema agroalimentar global encontra suas raízes na visão hegemônica empregada pela Revolução Verde que, calcada nos paradigmas técnicos da eficiência e produtividade, fez do capital especulativo financeiro seu maior aliado nas últimas décadas. Nos últimos séculos, os processos de colonização, imperialismo e de expansão do capitalismo transformaram o alimento de comida à commodity, a corrida por controle de terras se acelerou e sistemas produtivos locais foram prejudicados, dando espaço para uma degradação ambiental global sem precedentes.

Dentro desse cenário, pesquisadores apontam que os modos de produção intensivos, agrícola ou pecuário, são a causa originária de diversas cepas infecciosas pois, ao favorecerem a destruição de ambientes naturais complexos, proporcionam o rearranjo ideal para que um vírus adquira letalidade o suficiente para transbordar. Além disso, a hiperconcentração de pessoas nos grandes centros urbanos proporcionam a circulação dos vírus em escalas nas mais diferentes proporções, o que antes se tratava de uma enfermidade em escala local, agora pode evoluir para uma violenta pandemia.

A pandemia do Coronavírus (SARS Cov-2), que se disseminou pelo mundo em fins de 2019, é o exemplo ideal desse argumento que busca a conexão entre sistemas de produção intensiva ao grande capital internacional. Uma ameaça que trouxe não apenas o colapso generalizado do sistema de saúde global, mas desencadeou uma quebra na economia como um todo. Esse efeito dominó se expandiu para o horizonte do sistema agroalimentar internacional que, por vezes, teve seu funcionamento interrompido no início, total ou parcialmente, de forma abrupta.

Esse estado de caos desordenado que foi instaurado trouxe, entre as principais consequências, uma leva de desemprego em massa, funcionamento não-pleno das cadeias de abastecimento alimentar e perda massiva de rendimentos pelos que dependiam do setor, principalmente os produtores locais. E, como sabemos, a perda de renda implica necessariamente numa maior dificuldade em acessar alimentos, principalmente das populações mais pobres dos países de renda média e baixa. Essa dificuldade de acesso, entre outras razões, muitas vezes decorre da própria incapacidade dos países de disporem de um grau adequado de autossuficiência alimentar perante um sistema agroalimentar arraigado às promessas da liberalização e desregulamentação no setor agrícola; o que era pra ser um benefício mútuo, se torna mais uma barreira. Trata-se de um cenário também violento em favelas e assentamentos urbanos informais já que seus habitantes, vivendo em espaços

apertados, precários, sem acesso adequado à água e saneamento básico e insegurança da posse da moradia, também possuem um nível inadequado de segurança alimentar.

Assim, a finalidade do presente texto é entender como essa integração entre sistemas de produção intensiva e o capital especulativo contribui para o possível surgimento de cepas infecciosas, como a COVID-19, envolvendo suas implicações no sistema agroalimentar global, bem como abrir margens de discussão para alternativas à essa configuração do sistema sob a perspectiva da desglobalização.

A metodologia aqui aplicada se utilizou de revisão bibliográfica conceitual e levantamento bibliográfico de dados, coleta de dados oficiais em organizações internacionais, nacionais, acadêmicas e na mídia. Com relação às duas primeiras partes, inicialmente foi feito um levantamento voltado para o tema da COVID-19 e suas relações com o sistema agroalimentar global, sendo pesquisado em inglês *-COVID-19 e Agrifood system*. Posteriormente foi feita uma ampla seleção de textos e, pela leitura dos respectivos resumos, foram escolhidos para a composição do presente trabalho. A parte seguinte, localizada na terceira e última seção, estava planejada para a apresentação de uma revisão sistemática da literatura (RSL), a partir do seguinte problema de partida: "qual a avaliação das produções científicas no Brasil sobre a desglobalização do sistema agroalimentar internacional pela via da reforma agrária?". Assim, partir da compreensão do método da revisão sistemática, os eixos para a presente investigação foram decididos pela adoção da seguinte palavra-chave: "reforma agrária", sendo esta a principal, associada aos descritores "desglobalização", "sistema agroalimentar" e soberania alimentar", separadamente em três plataformas distintas: BDTD, Periódicos Capes e Scielo. Optou-se pela não inclusão de tal análise no presente trabalho, principalmente devido à falta de resultados significativos, dada a carência de análises que incorporam as perspectivas da desglobalização e da reforma agrária de forma correlacionada. A falta de artigos em português sinaliza que talvez os estudos sobre isso, de forma sistêmica, ainda não são robustos.

Importante destacar que, no estágio atual, o artigo em questão sofreu limitações em seu escopo abordado, principalmente em razão da atualidade do fenômeno, dificuldade de acesso a artigos e livros e pela complexidade do tema. Este é o fruto de pesquisa do projeto de IC sob orientação do Prof. Dr. Thiago Lima da Silva, realizado no âmbito PIBIC-UFPB-CNPQ 2020-2021. Esta pesquisa está inserida no Projeto denominado "COVID-19 e Segurança Alimentar Internacional: Geopolítica, cooperação internacional e modelos de produção e consumo".

Além desta introdução, o trabalho se divide em três seções. Na primeira parte, será apresentada brevemente as possíveis relações derivadas do modo de produção intensivo de alimentos, com o surgimento de cepas infecciosas e a emergência da crise do coronavírus. A parte seguinte tratará especificamente das vulnerabilidades do sistema agroalimentar internacional e as implicações decorrentes da crise da COVID-19 nesse sistema; as duas primeiras seções se configuram como uma espécie de diagnóstico. A terceira e última parte do trabalho se encarregará de trazer a perspectiva da desglobalização, aos propósitos de um mundo por vir, e como a relação com a soberania alimentar se insere nessa seara. A partir dessa abordagem, como tarefa final, é analisado criticamente o SOFI 2021 pelas suas proposições para o combate ao avanço da situação de fome e desnutrição no mundo. As três partes são seguidas por uma seção dedicada às considerações finais.

2 Uma economia Alimentar gripada

Nas últimas décadas, o ímpeto neoliberal avançou de tal forma que acabou integrando o sistema de produção de alimentos ao capital financeiro. A comida elevou seu status de necessidade básica à commodity, fazendo com que poderosos centros financeiros como Nova York, Hong Kong e Londres obtivessem poder suficiente para ditar as regras da nova ordem alimentar global. Num movimento que deriva do que Patnaik (2020) define como a globalização das finanças, o que se propõe, na presente seção do texto, é uma reflexão sobre a forma pela qual o atual sistema agroalimentar global se estrutura, uma vez que a integração entre os circuitos de capital e a produção de alimentos traz consigo, direta ou indiretamente, consequências sérias (CLAPP, 2016; [PATNAIK, 2020](#); WALLACE, 2020).

Diante desse contexto, diversos pesquisadores vêm alertando para o fato de que cepas infecciosas podem ser favorecidas e disseminadas a partir de um núcleo comum: a produção intensiva de alimentos, seja no ramo agrícola ou pecuário. Fenômenos como mudanças climáticas, desmatamento, exaustão dos solos e o pesado uso de agroquímicos, contribuem para o aumento da redução da biodiversidade ambiental e propiciam meios adequados para o surgimento de epidemias e pandemias. Uma vez que esse sistema destrutivo se encontra cada vez mais integrado e globalizado entre as economias alimentares, assim também se comportam as doenças infecciosas - o que antes se tratava de uma enfermidade em escala local, agora pode evoluir para uma pandemia sem precedentes.

Mike Davis (2020) elenca quatro mudanças globais que, segundo ele, favoreceram o aceleramento da evolução interespecies de novos subtipos de influenza e seu padrão de transmissão global. A primeira destaca a ocorrência da revolução pecuária que atingiu seu apogeu entre os anos 80 e 90, um fenômeno que se liga diretamente à segunda mudança, o fato de que esse ímpeto se consolidou, sobretudo, junto à massiva revolução industrial no sul da China; conectando definitivamente as relações comerciais e humanas da região do dragão vermelho com o resto do mundo. A terceira mudança, sendo essa de caráter mais específico e mais ligada ao padrão de transmissão global, reflete a emergência de megacidades e suas favelas, argumento sustentado também por Wallace (2020), principalmente no sul global, que juntas possibilitam um perigoso potencial de evolução da virulência e propagação de cepas infecciosas. Em simbiose, essas três singularidades formam as condições que resultam na quarta e última característica, notavelmente visível na crise do Coronavírus, definida pelo autor como o colapso causado pela ausência de um sistema de saúde pública global, que possa ser correspondente à escala e ao impacto da dita globalização econômica.

Wallace (2020), em comparação às duas primeiras mudanças que foram elencadas por Davis, menciona que deve haver uma necessidade de concentração nas paisagens mais propícias ao surgimento de doenças, ou seja, nos atentar apenas para fatores de ordem biológica e natural do meio não é suficiente, sendo necessária uma abordagem que atenda ao contexto xeno específico¹ do meio, a exemplo das “ monoculturas de espécies geneticamente selecionadas de animais vivos, altas densidades populacionais, produção rápida e aumento das exportações parecem promover maior propagação e evolução dos patógenos” (WALLACE, 2020 p.439). Desse modo, “cada uma das séries de invenções agrícolas e industriais, acompanhadas de mudanças demográficas aceleradas e novos assentamentos humanos, reposicionou as populações de hospedeiros potenciais, o que levou a novos episódios de transbordamento” (WALLACE, 2020, p.428). Destarte, o pesquisador menciona que não é apenas uma mera coincidência o fato de que o H5N1 e o SARS surgirem provavelmente no mesmo lugar - província de Guangdong, sul da China - corroborando para essa arguição a ocorrência da constante mudança na paisagem ergonômica na região, fortemente a partir das últimas três décadas (WALLACE, 2020; DAVIS, 2020).

Ignorar as relações entre o sistema agroalimentar vigente e pandemias é mais viável aos olhos dos senhores do dinheiro, uma vez que uma maior atenção aos danos oriundos dessa relação implica em custos para além do que é dito como ‘biosseguro’. Afinal, como os

¹ Conceito utilizado por Wallace (2020) em seu livro *Pandemia e agronegócio* para designar o plano de interação entre diferentes cenários e contextos que possam propiciar o surgimento de uma cepa infecciosa.

pesquisadores acima mencionados analisam, a produção intensiva de alimentos em larga escala, nos moldes atuais, só é possível pela socialização indireta de certos custos. Implicações diretas em matéria de direitos humanos, saúde, trabalho, ecossistemas, etc., são a galinha dos ovos de ouro das altas margens de lucro obtidas pelas grandes corporações do mercado financeiro.

2.1 O ano do porco

A cronologia do novo Coronavírus (SARS-Cov-2), uma síndrome respiratória, tem seu pontapé inicial em dezembro de 2019, ano do porco no horóscopo chinês, na cidade de Wuhan, província chinesa de Hubei. Posteriormente, o vírus começou a se espalhar e se tem a narrativa oficial de que o primeiro caso constatado fora da China, a 13 de janeiro de 2020, foi de uma mulher tailandesa, residente em Wuhan, que teria viajado de avião até Bangkok. Poucas semanas depois, o vírus se espalhou de forma tão rápida pelo mundo que em 11 de março a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou um estado de pandemia global.

Dado o pânico generalizado, diversas narrativas buscavam apresentar respostas para o surgimento da doença, sendo uma delas ainda considerada fortemente: a infecção por meio do consumo de animais silvestres nos mercados exóticos da cidade, através da comercialização, a exemplo, de cobras, frutos do mar e pangolins, sendo o último destes, ao lado dos morcegos, apontados como reservatórios do vírus². Até o presente momento, as origens dessa cepa infecciosa ainda são desconhecidas, com assegurada transmissão por meio de processos de *spillover*, termo usado para designar o transbordamento de virulência inter-espécies. Assim como o fluxo de pessoas, a COVID-19 se globalizou.

O epidemiologista evolutivo Rob Wallace em seu livro ‘Pandemia e Agronegócio’ (2020), destaca que:

As origens genômicas nos dizem pouco sobre como esse complemento específico [rearranjos de cepas] levou a um vírus que evoluiu uma virulência localmente, além de mostrar a variação genética na qual o vírus se baseou. Um olhar mais atento às circunstâncias socioeconômicas [...] parece ser necessário (WALLACE, 2020, p. 105).

Segundo o autor, o Coronavírus se apresenta enquanto mais uma entre as tantas ameaças que já surgiram nos últimos 50 anos. Sustentando em suas hipóteses que a justificativa dessa situação provavelmente decorre de mudanças na produção alimentar ou no uso do solo que, de

² Ver mais: FONSECA, Rafael Neves. **As relações entre fomes coletivas e coronavírus (COVID-19)**. Carta Maior, 2020. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-relacoes-entre-as-fomes-coletivas-e-coronavirus-COVID-19-4/47013>> Acesso em 17 de julho de 2021 às 08:32.

forma direta ou indireta, se ligam à agricultura e pecuária intensivas (WALLACE, 2020). À diferença de tantos outros vírus, o SARS-Cov-2 se (re)arranjou, se adaptou e se multiplicou, fazendo do capitalismo financeiro o seu palco, deixando o mundo gripado - mas golpeando mais forte as populações marginalizadas. Tal ocorrência, inquestionavelmente, nos refrescou a memória de experiências anteriores como a Peste Negra e a Gripe Espanhola.

À medida que o vírus se espalhava, no início da pandemia, as fronteiras começaram a fechar, o comércio internacional foi interrompido e a livre circulação de pessoas foi limitada. A fim de conter a disseminação do vírus, presenciamos a urgência de uma quarentena global, foram impostas desde restrições mais leves como o isolamento social, até as mais severas como lockdowns em boa parte do mundo.

O resultado clássico de uma crise econômica e financeira: pavor na economia, desorganização e ruptura generalizadas das cadeias de abastecimento, a interrupção das fábricas e do tráfego aéreo, marítimo e rodoviário, com seu cortejo de demissões parciais ou dezenas de milhões de desempregados (JAPPE et al., 2020, p.35).

Um colapso inevitável que deixou os mercados de mãos atadas e jogou praticamente toda a responsabilidade sobre as costas dos Estados, uns mais decididos que outros a salvar vidas, do que apenas manter a economia funcionando.

Com a COVID-19, aquilo que era considerado uma vantagem das cadeias de produção globalizada tornou-se seu principal ponto fraco. A desorganização da logística da *supply chain*, que conecta os diferentes fornecedores, fornecedores de fornecedores e as fábricas que fazem as encomendas, apareceu como um fator de peso sobre as decisões locais de se parar ou não a economia (JAPPE et al., 2020, p.46).

Além do escoamento de alimentos ter sido prejudicado, nas trocas internacionais, pelo fechamento total ou parcial dos portos, produtores locais e trabalhadores sazonais também perderam suas fontes de renda e remessas - e, mais importante do que isso, muitos adoeceram, disseminaram a doença em suas comunidades e perderam suas vidas³. O fechamento das escolas também se apresentou como problema em dobro - crianças que dependiam do fornecimento de refeições por essas instituições ficaram desamparadas, bem como os fornecedores desses alimentos, boa parte advinda de produtores locais, foram prejudicados. Uma situação extremamente preocupante, sobretudo nas periferias, uma vez que, como sabemos, manter o distanciamento social nesses espaços é praticamente impossível.

³ Ver mais: FOLHA. **Ao menos 104 frigoríficos no Sul do país registram contaminação de funcionários por Covid.** FSP, 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/ao-menos-104-frigorificos-no-sul-do-pais-registram-contaminacao-de-funcionarios-por-covid.shtml>> acesso em 31 de agosto de 2021 às 12:16.

Esse colapso generalizado do sistema de saúde global deixou a economia de molho. Mike Davis (2020), ousa comparar a situação da pandemia do Coronavírus ao que ele define como o ‘paradigma do Titanic’, segundo o qual os recursos mundiais de saúde pública estão organizados como os botes salva-vidas semelhantes à ocorrência do Titanic, todos sendo afetados, porém com os mais pobres à mercê da própria sorte diante do naufrágio iminente. Alguns autores analisam o fato de que diversos Estados, arraigados à ótica neoliberal, anteriormente vinham diminuindo drasticamente os seus gastos orçamentários em saúde pública, não obstante cederam ao colapso perante a crise da COVID-19. Narendra Modi, Jair Bolsonaro e Donald Trump, se destacaram com os exemplos mais notáveis de negacionismo frente não apenas ao colapso dos sistemas de saúde, mas quanto ao questionamento da existência do próprio vírus. O embate, entre salvar vidas e manter as cadeias globais de valor funcionando, foi fortemente marcado pelos trejeitos mercadológicos que argumentam a necessidade da manutenção de uma economia sob Covid, a exemplo da Índia, Brasil e Estados Unidos, acima citados (JAPPE et al., 2020; PATNAIK, 2020). Desse modo, dada a continuidade do fenômeno, há a percepção de uma busca exasperada, tanto pelos governos quanto pelos mercados, pela melhor forma de lidar com a crise em curso. Os bilhões injetados nas economias ao redor do globo, bem como na produção de vacinas, por ambos os setores, permeiam essa linha tênue entre cuidado e lucro, sempre distribuídos de forma muito desigual entre os países.

Instaurou-se um estado de caos desordenado que gerou desemprego em massa em praticamente todo o globo, tendo por consequência principal a perda dos meios de sustento que se refletirá na dificuldade em acessar alimentos para consumo, sobretudo nos países menos desenvolvidos e entre os mais vulneráveis. Desse modo, como efeito dominó o sistema alimentar global foi severamente atingido, ativando-se o gatilho de uma possível crise alimentar a caminho; uma situação com um potencial absurdo de exacerbar os problemas de fome e subnutrição num mundo já faminto. A crise da COVID-19 refletiu, sobretudo, o despreparo de um sistema frágil que foi moldado segundo respostas e opções políticas advindas de crises alimentares nos últimos 70 anos ([CLAPP; MOSELEY, 2020](#)). Essa má estruturação expôs mais uma vez suas feridas, através de uma subordinação já cristalizada às preferências da globalização financeira em curso desde meados da década de 1970 (CLAPP, 2016; PAULA, 2017; McMICHAEL, 2021).

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), embora reconhecendo a catástrofe da pandemia sobre o sistema alimentar global, dada a propensão da mesma a espalhar mais fome e subnutrição, sustentou a posição, nos meses mais dramáticos

do episódio, de que uma grave crise alimentar não seria estabelecida ([CULLEN, 2020](#); [SCHMIDHUBER, 2020](#)). Essa presunção se baseou na análise de que estamos imersos numa situação diferente de crises anteriores, cíclicas e inerentes ao sistema capitalista, sobretudo se comparada à crise de 2007-08, dada a disposição de um alto estoque de grãos, baixos preços dos alimentos e energia, bem como pelos preços estáveis dos insumos. Outro fator mencionado pela organização é a alta mecanização da logística nas instalações de transportes, como o embarque a granel, que conta com poucas interações humanas em seus processos (SCHMIDHUBER, 2020).

Assim, graças a essa situação e às conquistas do comércio agrícola global, mais amplo e liberalizado, mesmo com um feroz despreparo para lidar com uma crise desse porte, analistas da organização acreditavam que seria possível assegurar a disposição das cadeias de abastecimento alimentar em funcionamento, ainda que de forma não-plena. Apesar do otimismo, a FAO (2020) também projetou em meados de 2020 que a crise da COVID-19 poderia arrastar entre 82 e 132 milhões de pessoas para o limbo da fome, principalmente pela perda de rendimentos por parte dos mais vulneráveis.

As estimativas até agora divulgadas apontaram um desastre apavorante, acima do que fora previsto. O relatório *Estado de Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo* (SOFI, *State of Food Security and Nutrition in the World*) divulgado este ano, com relação a dados de 2020, analisou que entre 720 e 811 milhões de pessoas no mundo enfrentaram a situação de fome, estimando de 161 milhões de pessoas a mais nessa situação do que em 2019. Como se já não bastasse esse aumento catastrófico, os dados também apontam para um acréscimo de 320 milhões de pessoas que não tiveram acesso a uma alimentação adequada no mesmo período, contabilizando 1 em cada 3 pessoas no mundo em situação de insegurança alimentar - uma parcela aproximada de 2,37 bilhões de bocas. A organização destaca o fato de que a crise do coronavírus contribuiu para um dos maiores aumentos da fome no mundo em décadas (FAO, 2021).

Outrossim, a pandemia da COVID-19 é mais uma oportunidade, entre tantas, capaz de demonstrar a problemática de um sistema agroalimentar liberal e centralizado que produz e desperdiça boa parte dos seus alimentos - o PNUMA ([2021](#)) projetou uma perda de 17% dos alimentos comercializados em 2019 - mas não alimenta os famintos. Afinal, com quantas crises se faz um sistema agroalimentar resiliente?

3 A enfermidade neoliberal

O comércio de alimentos, nas últimas décadas, cresceu mais rápido do que a produção (CLAPP, 2020). Estimativas para o setor de alimentos e agricultura apontam para uma participação de US\$ 8,7 trilhões, cerca de 10% do PIB global tendo por referência o ano de 2018. Tal crescimento no setor sinaliza o fato de que, aproximadamente, 20% de todas as calorias totais consumidas no mundo são fornecidas por alimentos comercializados ([HUANG et al., 2018](#)). Pode parecer pouco, mas os impactos nesse fluxo, em termos de preços, podem ser enormes. Uma vez mencionada essa importância do setor para o comércio internacional, ainda que brevemente, agora cabe analisar como o vigente sistema agroalimentar se estruturou, e como a voracidade de tais processos ganharam ímpeto nas últimas décadas.

A Revolução Verde, desencadeada a partir de meados dos anos 50, forneceu ao mundo a possibilidade de erradicar o fenômeno da fome perante a elevação dos padrões técnicos produtivos na agricultura. Assim, delineou-se uma promessa contra os temores malthusianos que miravam no descompasso entre a produção de alimentos e o crescente aumento populacional, especialmente no Terceiro Mundo. Com os países capitalistas mais desenvolvidos liderando esse processo, a exportação dessa realidade aos mais pobres se deu tanto pela transferência de tecnologias, insumos e incrementos técnicos, quanto pela doação de excedentes de suprimentos em forma de ajuda alimentar.

Paula (2017), menciona que a nova ordem, dentro dos limites do sistema agroalimentar, foi imbuída por uma conexão entre alimentação, prosperidade e paz, temas presentes na agenda de política externa estadunidense. Assim, esse país difundiu um padrão de consumo para os menos desenvolvidos que acabou transportando os desafios enfrentados pela segurança alimentar para o plano das trocas comerciais e da eficiência produtiva, elevando consideravelmente o status da comida de necessidade básica à commodity. Com essas transformações sob o pano de fundo da Revolução Verde, a reestruturação da agricultura desses países, nas décadas seguintes, foi inevitável.

Essa participação do ramo alimentar no comércio internacional, iniciada na ordem do pós-guerra, é o reflexo de um cenário de progressiva liberalização e desregulação no setor entre os Estados nacionais. Recentemente, para além dos contextos da crise da dívida nos anos 1980 e dos pacotes de “ajuste estrutural” no Terceiro Mundo, o fortalecimento desses processos se deu a partir dos trâmites acordados na Rodada do Uruguai de 1994 que originou a Organização Mundial do Comércio (OMC) -inclusive, o Acordo sobre

Agricultura (AoA).

3.1 Alimentando... o mundo?

Piñeiro et al. (2020), analisam que no período correspondente entre 2015-2017 apenas cinco países - sendo eles: China, Japão, Reino Unido, Arábia Saudita e República da Coreia, respondiam por mais de 40% das importações líquidas de alimentos. Além disso, apenas seis países se encarregaram de aproximadamente 50% das exportações líquidas totais dos alimentos comercializados, um seleto grupo composto pelo Brasil, Estados Unidos, Argentina, Austrália, Nova Zelândia e Canadá ([PIÑEIRO et al, 2020](#)).

Schlenker (2017), por exemplo, analisa que apenas quatro commodities - soja, trigo, arroz e milho - são responsáveis por 75% das calorias totais consumidas pelas pessoas no mundo, seja direta ou indiretamente, a respeito do uso desses grãos como insumos para o setor pecuário. Como é de se esperar, os fluxos desse setor encontram-se também conectados a esse reservado grupo de países. Analisando dados mais recentes, como o anuário estatístico da FAO, divulgado em 2020, é possível inferir algumas considerações acerca dos principais produtores dessas commodities no setor agrícola.

Com relação aos principais produtores dessas commodities, o documento, tendo por referência o ano de 2018, analisa que enquanto o milho e a soja são os cultivos mais produzidos pelos Estados Unidos, representando uma fatia do comércio global de 35%, o arroz e o trigo se estabelecem fortemente na China, englobando fatias de 25% e 20%, respectivamente. A produção de tais commodities também apresenta uma participação significativa de economias emergentes como Argentina (soja, 10%), Brasil (soja, 35%), Índia (arroz, 20%), Indonésia (arroz, 10%) e Rússia (trigo, 10%) ([Statistical Yearbook, FAO, 2020](#)).

Com relação às trocas comerciais das commodities aqui destacadas, cabe a exposição de alguns dados. No caso do trigo, Rússia, Canadá e EUA lideram as exportações líquidas totais em 47%, para o milho EUA, Brasil e Argentina respondem por aproximadamente 67%, já para o arroz a Índia, Tailândia e Vietnã totalizam um montante de 61% do que é exportado globalmente. No caso da soja, por meio da base de dados FAOSTAT (2021), os principais responsáveis pelo escoamento do produto para o mundo, são o Brasil e os EUA no ano de 2019, com aproximadamente 70%, se somados. Importante destacar que, com relação a essa commodity, a China é a principal importadora com quase 50% da fatia de soja que é comercializada globalmente.

Essa alta concentração de mercado, na qual a dependência de importações gira em

torno de apenas alguns parceiros comerciais, se configura como um risco para a segurança alimentar dos países insuficientes nesse quesito, uma vez que a imposição de restrições comerciais pelos parceiros acaba prejudicando a cadeia de abastecimento dos que são dependentes; como vemos diante da pandemia do COVID-19 ([PUMA et al., 2015 apud GEYIK et al. 2021](#)). Schmidhuber (2020) menciona que o nível de dependência de importações, provenientes do comércio agrícola, se situa em torno de 28% totais, destacando que alguns países chegam a depender quase que 98% das importações para satisfação de suas necessidades alimentares. No grupo dos cereais essa razão pode atingir a sua totalidade, como no caso de diversos países localizados na África Subsaariana, Sudeste Asiático e os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID). A respeito disso, por exemplo, “the top four grain trading companies, ADM, Cargill (USA), COFCO (China), and Louis Dreyfus (France), control more than two-thirds of the world trade in grains (corn, soy and wheat) and oilseeds (palm oil) (McMICHAEL, 2021, p.62). Cabendo destaque a presença da COFCO (China Oil and Foodstuffs Corporations), uma holding estatal chinesa que nos últimos anos adentrou de forma feroz no mercado de commodities, ocupando uma posição nesse quarteto que antes era pertencente à Bunge, menos de três anos atrás. A inserção dessa companhia se dá num contexto em que a China, um dos maiores países produtores de grãos do mundo, busca furiosamente garantir a segurança alimentar de sua população, a maior do planeta.

Ainda segundo o *Statistical Yearbook* (FAO, 2020), é interessante atentar para o crescimento do setor de proteínas de origem animal, que alcançou um aumento de 47% em 2018 se comparado ao ano de 2000. O documento destaca que apenas três tipos de carnes respondem por quase 90% da produção mundial - porco, frango e gado, no recorte temporal supracitado. “Livestock production accounts for 83% of the world's arable land, while delivering only 18% of calories” (Science, 2018 apud McMICHAEL, 2021. p. 62). No que tange aos fluxos comerciais, é importante destacar que a concentração de mercado do setor não é tão intensa, se comparada às commodities-grãos mencionadas acima, como analisado abaixo.

Os três principais produtores de carne de porco - Alemanha, Estados Unidos e China - são responsáveis por uma fatia de 60%, sendo os dois últimos também fortes na produção de frango e gado em mais de 40%, juntos ao Brasil. Também merece destaque o fato de que o destino de ambas é diferente, nos Estados Unidos a produção é voltada para a exportação, especialmente de carne de frango, já na China é principalmente para abastecimento de seu mercado doméstico (FAO, 2020). Paula (2017) aponta que o aumento do poder aquisitivo, pelas pessoas anteriormente situadas na faixa de renda mais baixa, tem estimulado nas últimas

décadas a difusão do que se acredita ser um padrão de consumo mais sofisticado, o que acaba simultaneamente fortalecendo o poder das grandes corporações transnacionais (PAULA, 2017).

O caso da China também é o reflexo da redução progressiva da dependência de importações de alimentos provenientes dos EUA, pela introdução de mudanças significativas nas dietas alimentares domésticas, destacando um aumento da importância de proteínas de origem animal nos últimos anos, ligado à melhoria do padrão de vida dos seus concidadãos e a crescente urbanização aliada à expressiva expansão demográfica (PAULA, 2017; McMICHAEL, 2021).

Geyik et al. (2021), por exemplo, mencionam que mais de 40% da população global, sendo a maioria concentrada em países de renda baixa e renda média baixa, não é capaz de assegurar sua segurança alimentar. Tratam-se de países que estão situados na periferia das redes globais de comércio de alimentos e que experimentam um fornecimento inadequado de alimentos mesmo com um comércio voraz nos termos atuais. Os autores destacam o fato de que nesses grupos de países, há a predominância de onerosos fluxos de comércio de commodities de baixo custo, como cereais, em vez de alimentos com alto teor nutritivo; uma característica que assinala a imposição das dietas do norte. É apontado também o fato de que caso os países de renda mais alta decidam reduzir as exportações de tais commodities, haverá um impacto enorme nos países mais vulneráveis, uma vez que os mesmos dependem de poucos parceiros comerciais ([GEYIK et al., 2021](#)).

3.2 Estômagos em quarentena

No início da crise do coronavírus, os estoques globais de cereais oscilavam em torno de 850 milhões de toneladas de cereais, uma quantidade generosa se comparados aos níveis de 2008. Assim como na produção, o setor global de estoques de cereais também é altamente concentrado, Schmidhuber (2020) aponta que no período entre-safras 2020/21 a China sozinha dispõe de 47% dos estoques. Ao lado do dragão asiático, se encontra um seleto grupo que juntos dominam 77% dos níveis globais - sendo eles, EUA, Índia, Europa, Brasil, Argentina e Rússia. Tal concentração de tanto poder nas mãos de poucos é passível de duras consequências, cabe notar o caso da Rússia que impôs cotas de exportação aos grãos, sendo permitido um escoamento máximo de 7 milhões de toneladas entre abril e junho de 2020. Além disso, a potência também anunciou a adoção de um imposto flutuante nas exportações,

sobretudo, no milho e no trigo a partir de junho de 2021⁴. Outro exemplo pode ser encontrado no caso da Argentina que em maio deste ano, a contar um período de 30 dias, decretou um embargo às exportações de carne bovina visando combater a constante alta dos preços desse alimento nos últimos meses⁵. Importante destacar que mesmo que o país seja um dos maiores produtores de carne no mundo - além de 4º maior exportador, isso não se reflete no acesso direito dos consumidores internos que enfrentam os danos causados pela crise do coronavírus aliada à recessão econômica há muito em curso; dificultando ainda mais o acesso à uma alimentação adequada pelos mais pobres. São situações que evidenciam a problemática resultante da dependência de um comércio agroalimentar demasiadamente concentrado e entrelaçado.

Através do boletim intitulado *Food Price Monitoring and Analysis* (2021), a FAO divulgou que os preços internacionais de grãos grossos⁶, continuam em tendência de alta devido à forte demanda por importação - assim como os preços do arroz. O documento aponta que nas últimas duas décadas os maiores aumentos dessas commodities, no comércio agrícola internacional, correspondem aos períodos da Crise financeira de 2007-08 e a crise da zona do euro em meados de 2011; por isso o temor com a atual situação de pandemia se faz constantemente presente. O relatório também analisa que na região da África Oriental a situação é especialmente preocupante, dado que muitas moedas locais estão em situação de deterioração contínua. Como o preço das commodities no mercado internacional é dado através do dólar, o colapso das suas moedas locais é tido como mais um estímulo à inflação nos preços domésticos dos alimentos.

No caso dos PEID, que são pequenas economias que obtém grande parte de suas rendas através do turismo receptivo e remessas do estrangeiro, tais setores foram largamente prejudicados mediante a crise do Covid-19, já que no emprego de medidas para contenção do vírus foram impostas limitações quanto ao fluxo de pessoas ([CONTI et al., 2020](#)). Pelo fato de tais países serem importadores assíduos, a perda de boa parte das suas rendas, cerca de 60% do PIB, se reflete diretamente na incerteza da aquisição de alimentos para suas populações ([SCHMIDHUBER; QIAO, 2020](#)).

⁴Ver mais: FAO. Food Price Monitoring and Analysis. **Russian Federation sets floating tax system for grain exports to come into force from June 2021.** Disponível em <<http://www.fao.org/giews/food-prices/food-policies/detail/en/c/1375558/>> Acesso em 17 de agosto de 2021 às 09:45.

⁵ Ver mais: LIMA, Thiago. **A alta da carne e o embargo às exportações na Argentina.** Brasil de Fato PB, 2021. Disponível em <<https://www.brasildefatopb.com.br/2021/06/04/a-alta-da-carne-e-o-embargo-as-exportacoes-na-argentina>> Acesso em 24 de agosto de 2021 às 15:53.

⁶ Do inglês, *coarse grains*: geralmente se referem a grãos de cereais, exceto trigo e arroz.

Paula (2017) aponta que a atratividade do mercado financeiro de commodities, sobretudo em ambientes de crise econômica, tomando como referência o desencadear da crise de 2008, contrasta fortemente com o aumento do custo de vida das populações, com o status da comida elevada de necessidade básica à mercadoria, uma vez que o seu acesso se dará estritamente de forma econômica. “As decisões sobre o quê, como e onde comer, passaram a depender do poder de compra oriundo de novas fontes de renda, sujeitas a instabilidades antes desconhecidas, emanadas dos mercados de trabalho e meios de subsistência” (PAULA, 2017. p.169). Uma vez que a perda dos meios de renda impacta proporcionalmente a obtenção de alimentos, o nível de preços dos alimentos é um fator-chave. Assim, como Clapp (2020) argumenta, o impacto dos preços é sentido sobretudo nos países mais vulneráveis já que nestes, as partes mais pobres de suas populações geralmente gastam entre 50% e 80% dos seus rendimentos com comida. No Brasil, por exemplo, cerca de 26% dos gastos mensais entre as famílias mais pobres, são direcionados para a alimentação⁷.

A compreensão da insegurança alimentar requer, dessa forma, um olhar para além dos limites do sistema agroalimentar, observando como as sociedades estão social, econômica e politicamente organizadas, e como se inserem nas relações com o resto do mundo (PAULA, 2017 p. 166).

[...] a noção de insegurança alimentar passa a estar associada a uma ampla diversidade de aspectos físicos, nutricionais, socioeconômicos, ambientais, culturais etc., numa complexidade que desafia conceitos abrangentes e acaba produzindo inúmeras definições parciais e sempre incompletas (PAULA, 2017 p. 174).

No que concerne às promessas do livre-comércio, o que se pode inferir é que as medidas protecionistas e políticas de incentivos, sobretudo à exportação, nos países desenvolvidos quebram esse mito de salvação neoliberal pela erradicação da fome. Nenhum país deveria deixar seus agricultores à mercê desse sistema, mas não é o caso dos países mais pobres, nos quais constata-se a progressiva diminuição dos investimentos no setor agrícola (CLAPP, 2020; McMICHAEL, 2021; PATNAIK, 2020; PAULA, 2017). Não basta apenas analisar que a agricultura é responsável por alimentar 70% do mundo, como analisa McMichael (2020), é preciso dar nome aos bois, constatar que são esses agricultores e quais as referidas rendas que os sustentam, já que entregar os pequenos agricultores ao cenário competitivo de um comércio desregulamentado não é prudente.

A FAO já aponta que essa crise derivada da pandemia do coronavírus foi capaz de elevar inconsequentemente os preços dos alimentos, sobretudo no grupo de países nas faixas de renda baixa e média. Um importante ponto a se destacar é que justamente nesses países a inacessibilidade de dietas saudáveis cresceu entre os anos de 2017 e 2019, se demonstrando,

⁷ Ver mais: BELIK, Walter. **Estudo sobre a cadeia de alimentos**. São Paulo: Instituto Imaflora, 2020.

automaticamente, em níveis mais altos de insegurança alimentar grave ou insegurança alimentar moderada ou grave (FAO, 2021).

Que as crises econômicas, uma vez que eclodem, se desembocam fortemente no setor alimentar é inquestionável, mas grande parte do problema poderia ser, quem sabe até mesmo remediado, se o sistema agroalimentar vigente não fosse um acumulador de falhas das crises cíclicas do sistema, por conseguinte, deixando à mostra, a cada vez que ocorrem, as feridas desse sistema.

4 Desglobalizar o sistema agroalimentar global

A integração entre as economias teve sua marcha fortemente acelerada a partir das efervescências do sistema internacional dos anos 70 e, pela assimilação dos seus mais diferentes arquétipos, instaurou novas configurações nas relações internacionais desde então. Esse fenômeno aumentou ainda mais a distância social entre periferias e os centros de poder, amplificando o grau de subserviência do Sul global, com raríssimas exceções (NAYYAR, 2014).

Baumann (2021), destaca que o avanço da globalização, apesar de garantir uma maior transnacionalização do capital, fluxo de comércio e tecnologias, contribuiu para elevar o grau de concentração de renda nas periferias, justamente em virtude de uma reconhecida servidão ao capital financeiro internacional. Assim, o autor sublinha que a partir do reconhecimento desses processos, foram alimentadas resistências que acabaram por gerar o que se entende por desglobalização, fortemente caracterizada pela adoção de medidas mais isolacionistas, ou até mesmo a tentativa de impô-las, por grupos políticos internos a fim de questionar essa interação desmedida entre as diferentes economias.

Outrossim, a literatura acadêmica ainda trata o termo ‘desglobalização’ com muito rigor, dada a emergência do fenômeno no campo de estudos da economia política. A evolução na temática destaca o fato de não ser apenas oposto ao processo de globalização, mas como a sinalização da perda de uma força unificante, paralela ao surgimento de novas alternativas e possibilidades para o sistema internacional. Neste sentido, a crítica da globalização certamente não é algo recente (AMIN, 1984; BELLO, 2004; PATNAIK, 2018).

Desse modo, por desglobalizar, o que se propõe é uma espécie de redesenho nas interações econômicas e políticas entre os países que buscam um maior controle sobre seus próprios territórios. Patnaik (2018), por exemplo, ao problematizar questões referentes ao Sul Global, inclui a necessidade de uma desglobalização dos circuitos locais de produção

alimentar das amarras do grande capital financeiro, independente do grau em que ela ocorra. Tal dimensão teve por ponto de inflexão a crise de 2008, iniciada nos Estados Unidos e desencadeada a partir do setor de hipotecas, oferecendo aos atores nacionais uma nova oportunidade de olhar a questão, um questionamento às características vigentes da arquitetura comercial e financeira no sistema (BAUMANN, 2021; BELLO, 2007)⁸. Esse acontecimento é marcante justamente pela observação de particularidades como um maior protecionismo comercial e crescente isolacionismo, elementos típicos de crises no sistema, nos quais “observa-se redução do volume de comércio, tendência recessiva no ritmo de crescimento da produção e conflitos distributivos” (BAUMANN, 2021, p.11).

4.1 COVID-19, espaçamento social e o mundo por vir

Na emergência desse debate, Bello (2009), tendo por cenário a crise de 2008, argumentou a descrença no processo de globalização se referindo ao ‘fim de uma era’ e vendo o seu pós como uma real oportunidade para alcance do desenvolvimento pelo Sul global; ainda que os propósitos da desglobalização também sirvam aos países do Norte. Assim, o autor propôs uma série de sugestões radicais que têm por finalidade desmistificar a obrigatoriedade desse processo e mergulhar os governos nacionais nas pretensões da equidade. Entre as mais singulares, podemos destacar: a adoção de uma produção interna que deixe de atender ao mercado exportador, colocando as economias internas no centro; acatar medidas de redistribuição equitativa de renda e da terra, criando centros complexos de consumo mais diversificados e mais espaçados socialmente, como apontado também por Mike davis em *Planeta Favela* (2009) e propor o encorajamento de um desenvolvimento tecnológico que possa se sustentar em princípios de sustentabilidade, um dos pilares principais do SOFI 2021 - ponto que será retomado na última seção. Além disso, outro ponto, talvez um dos mais agressivos do seu pensamento, se refere ao abandono de instituições de

⁸ Recentemente, uma série de eventos fazem parte da composição do que se pode pensar como uma outra rota aos processos de integração, numa ordem econômica, política, social ou até mesmo ambiental, entre as diferentes regiões. Notoriamente, no Norte Global, os exemplos mais singulares se concentram no plebiscito do Reino Unido para a saída do bloco regional da União Europeia, a ascensão de Trump ao poder nos Estados Unidos e a eleição de outros líderes, mais alinhados ao espectro da direita, em diversos lugares da Europa. “Há indicações de que o nacionalismo e os interesses políticos têm crescentemente assumido predominância em relação aos objetivos econômicos globais compartilhados pela maior parte dos países” (BAUMANN, 2021, p.22). Os EUA, nessas tentativas de fortalecimento do protecionismo, se destacam pela adoção de uma agenda feroz nos últimos anos, como a saída do Acordo Transpacífico e do Acordo de Paris, Guerra comercial contra a China em 2018 no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) e os contínuos questionamentos às mais diversas organizações multilaterais; até mesmo contra a OMS no ápice da crise do coronavírus.

caráter global como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, sustentadas por princípios neoliberais, e posterior substituição por instrumentos com um caráter mais abrangente no âmbito local⁹.

Esse rompimento com a dita globalização financeirizada emerge, neste trabalho, a partir da alternativa pela via da soberania alimentar, movimento que propõe a desconexão dos circuitos financeirizados, adotando o privilégio dos modos tradicionais de produção; sendo a questão da reforma agrária de grande destaque. Nessa visão é imprescindível a tomada de decisão sobre o que, o quanto e como produzir nas mãos dos pequenos agricultores, trabalhadores rurais e camponeses que efetivamente colocam comida saudável na mesa das pessoas e que foram empurrados ao abismo do mercado de commodities pela desregulamentação abrupta dos mercados nacionais. Inclusive, é importante enfatizar que um maior controle das etapas da cadeia produtiva, distribuição e consumo, abre portas para uma (re)estruturação dos laços perdidos no eixo campo-cidade que atualmente é dominado por grandes corporações.

O impacto da globalização, de cunho neoliberal, no sistema, acabou acentuando problemas de sustentabilidade, saúde, trabalho e relações sociais, além dos já mencionados custos sociais e econômicos dele decorrentes. Os processos de liberalização comercial, desiguais entre os países, ocasionaram alguns constrangimentos ao setor agroalimentar, em especial pela alta concentração de exportações de alimentos nas mãos de poucos países e o arrocho dos preços sofrido pelos dependentes de importação de alimentos. Assim, a crise derivada da pandemia do Coronavírus, ao ocasionar inquietudes nos preços internacionais dos alimentos, desvalorizações constantes nas moedas nacionais e a adoção de medidas restritivas ao comércio agrícola, externaliza as falhas da promessa neoliberal de erradicar a fome no mundo.

O sistema capitalista, como sabemos, é marcado por suas crises cíclicas e que impactam diretamente os sistemas de produção locais toda vez que eclodem. Nesse contexto, o que se observa é que a ocorrência da pandemia da COVID-19 possui a capacidade de provocar uma desaceleração do contínuo processo da globalização. Tal fenômeno se faz necessário principalmente como uma forma de frear os problemas decorrentes das vulnerabilidades do sistema agroalimentar aqui mencionadas, sobretudo quando os países mais vulneráveis estão relegados à dominação de um setor demasiadamente concentrado. Baumann destaca que “o pior lado desse nacionalismo revivido tem sido, no auge da

⁹ Ver mais: BELLO, Walden. **The virtues of deglobalisation**. TNI, 2009. Disponível em <<https://www.tni.org/en/article/the-virtues-of-deglobalisation>> Acesso em 26 de agosto de 2021 às 11:12.

pandemia do coronavírus, os conflitos entre países, provocados por barreiras à exportação de vacinas e equipamentos médicos” (2021, p.22). Além dos já citados, no presente trabalho, casos de embargo ao trigo na Rússia e carne de boi na Argentina, ocorrências que expõem os países mais vulneráveis às tribulações de um protecionismo exacerbado.

4.2 SOFI 2021 em foco

A crise do coronavírus jogou o mundo num duplo paradoxo marcado pela decisão entre manter a economia em funcionamento ou adotar medidas para conter o vírus. A situação não poderia ser diferente, levou o globo a uma recessão econômica a níveis alarmantes, remetendo ao período da grande depressão, e lançou fome a um mundo já faminto. A questão aqui reside no fato de que enormes problemas já estavam afetando o estado de segurança alimentar e nutrição no mundo, ou seja, essa crise de saúde pública se soma a estorvos já em andamento.

A FAO, *através do Relatório Estado de Segurança Alimentar e Nutricional no mundo* (SOFI), divulgado em julho do presente ano, declarou que antes mesmo da eclosão dessa crise, o mundo não estava nos conformes para a extinção da fome e desnutrição segundo os parâmetros da Agenda 2030. Uma das principais razões para isso se deve à análise da referida organização de que aproximadamente 3 bilhões de pessoas no planeta não possuíam acesso adequado e suficiente a dietas saudáveis, métricas do ano de 2019, devido ao alto custo das mesmas. Assim, dada a incerteza frente ao presente cenário, já que as novas estimativas são limitadas, os impactos dessa crise ainda não foram mensurados em sua totalidade; uma crise que pode reverter os ganhos em nutrição que foram conquistados nas últimas décadas (FAO, 2021).

Mudanças climáticas e degradação ambiental, conflitos e cenários econômicos recessivos constituem a tríade principal dessa edição do SOFI, como causas que aumentam a situação de fome no planeta, ocorrendo seja separadamente ou em sintonia entre si; uma conjuntura que é basicamente o retrato dos países de renda baixa e renda média baixa. Num contexto marcado por desemprego, perda dos rendimentos e alta dos preços dos alimentos, o acesso por meios econômicos se torna cada vez mais complicado. Como tentativas de contenção “[...] on average, responses lasted just over three months, and roughly 40 percent of programmes consisted of one-time payments”, não garantindo devida eficácia (FAO, 2021, p.12). Também foi estimado que o número de novos pobres deve atingir um acréscimo quantitativo de 97 milhões de pessoas em decorrência da crise, sobretudo nos países de renda

baixa e média cujos produtos internos experimentaram uma contração significativa no último ano¹⁰.

A forma pela qual o sistema agroalimentar global se estrutura hoje, promovendo e ampliando desigualdades na distribuição de alimentos, já que o problema não é de cunho produtivo, é o fio condutor de um problema que parece não ter solução pelos tempos vindouros. A FAO, realizando projeções *com* e *sem* a perspectiva da crise do coronavírus, constatou que por volta de 2030 apenas 30 milhões de pessoas a mais seriam incluídas nas estatísticas da fome, caso não houvesse a crise da COVID-19 - situadas anteriormente no montante de 630 milhões. Isto é uma quantidade assustadora para um problema que, tecnicamente, já tem solução. Assim, a questão da fome não é ordinária, ela responde aos trejeitos e moldes dos detentores da política seja em qual tempo for. Nas palavras de Lima *et al.* (2019), “se existem alimentos e meios técnicos de fazê-los chegar aos famintos, somente há pessoas subnutridas porque não há política que determine o fornecimento de alimentos adequados àquelas pessoas” (2019, p.9).

4.2.1 Crítica ao capítulo 4 do SOFI 2021

O capítulo 4 do relatório aqui analisado, apresenta como título uma pergunta que se caracteriza como nuclear na própria agenda da organização, afinal, “*What needs to be done to transform food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets?*”. As partes 2 e 3 do presente trabalho se constituíram enquanto diagnósticos do sistema agroalimentar global, passando por suas vulnerabilidades principais e a relação do mesmo com a presente crise econômica-sanitária. Um ponto a ser levantado é que justamente, pela sustentação dessas vulnerabilidades, tal sistema não parece ser capaz de demonstrar-se resiliente perante situações de crise, ou melhor, crises - já que se constata incontáveis experiências nos últimos 70 anos, como ressaltado por Clapp e Moseley (2020). Desse modo, a última parte do relatório da FAO, em consonância com as abordagens dos últimos anos, se limita a desenhar ‘caminhos’ passíveis de contenção da incontrolada tríade da fome no mundo - mudanças climáticas e degradação ambiental, conflitos e cenários de crise econômica, agora alimentados pela crise do coronavírus.

¹⁰ Ver mais: WORLD BANK. **Updated estimates of the impact of COVID-19 on global poverty.** World Bank Blogs, 2021. Disponível em <https://blogs.worldbank.org/opendata/updated-estimates-impact-covid-19-global-poverty-turning-corner-pandemic-2021>> Acesso em 27 de agosto de 2021 às 11:43.

Entre as principais medidas a serem adotadas, destacam-se questões como inovações tecnológicas para reduzir riscos climáticos, conservação e reabilitação de ambientes naturais que foram danificados e programas de proteção social a fim de garantir a produção e o acesso à comida nutritiva (FAO, 2021). Medidas voltadas, significativamente, para os que se encontram em situação mais vulnerável, ou seja, ampliar recursos produtivos, tecnologias, dados e outras inovações a fim de promover mudanças transicionais para sistemas mais sustentáveis. São esforços que sumarizam a posição da instituição frente aos avanços à ‘passos de tartaruga’, num contexto em que a fome e desnutrição não param de crescer em termos quantitativos e cuja eficácia desse ator fica passível de questionamentos. Se preocupar com as posições adotadas pela organização é uma questão legítima pois, como sabemos, a adoção de preceitos neoliberais, ligados ao capital internacional e às importantes instituições financeiras transformam a preocupação com a segurança alimentar numa mera fachada.

A fim de desenhar um conjunto de medidas que possam superar os principais problemas que resultam no aumento da insegurança alimentar no mundo, são estabelecidos “seis possíveis caminhos para transformação dos sistemas alimentares”, a saber: 1) Integração de políticas humanitárias, de desenvolvimento e construção da paz em áreas afetadas por conflitos; 2) Aumentar a resiliência climática em todos os sistemas alimentares; 3) Fortalecimento da resiliência dos mais vulneráveis às adversidades econômicas; 4) Intervenção ao longo das cadeias de abastecimento de alimentos para reduzir o custo de alimentos nutritivos; 5) Combater a pobreza e as desigualdades estruturais, garantindo que as intervenções sejam em prol dos pobres e inclusivas; 6) Fortalecimento dos ambientes alimentares e mudança do comportamento do consumidor para promover padrões alimentares com impactos positivos na saúde humana e no meio ambiente (FAO, 2021, p. 88).

Em suma, de forma a contemplar esse espectro de recomendações, as sugestões focam em: medidas de proteção social durante conflitos; introdução de práticas de agricultura inteligente, seguros contra riscos climáticos; incremento da sustentabilidade nos processos produtivos; garantias de acesso ao crédito; desenvolvimento de estratégias contra futuras flutuações dos preços dos alimentos e insumos; garantir o acesso à comida segura e nutritiva através de baixos preços; aprimoramento dos processos das cadeias de valor com a finalidade de baixar o custo dos alimentos; garantia de equidade de gênero; expansão de serviços essenciais, de saúde e de proteção social; melhoramento da distribuição de renda dentro dos países e reforçar o papel do comércio com o objetivo de aumentar a disponibilidade e acessibilidade de dietas saudáveis (FAO, 2021, p. 90-109).

Prova da assimilação dos princípios condizentes com as aspirações mercadológicas parte da própria organização quando sugere tais caminhos e soluções, e em nenhuma dessas recomendações incorpora questões essenciais como a pauta da soberania alimentar. Só para citar, a exemplo da como a revigoração dos sistemas alimentares pela ênfase nos sistemas produtivos locais, da proteção aos pequenos agricultores e camponeses e pela distribuição equitativa de terras através da reforma agrária; questões ligadas à lógica da comida de verdade, pela real democracia dos sistemas alimentares e contra o grande capital financeiro. Claro, são apenas algumas das muitas configurações disformes que a configuração do sistema proporcionou e que não têm o mínimo de atenção devida pelos que servem ao *Deus-dinheiro*.

Para implementação desses caminhos que hão de criar resiliência no sistema, a FAO também julga ser necessário uma ação coordenada entre os mais diversos *stakeholders*, abarcando desde setores públicos e privados até a sociedade civil, tudo isso claro, guiado pelas mãos das instituições internacionais - declaradas como essenciais nesse processo. Cabe destacar que tal posição chama atenção aos grupos mais vulneráveis - mulheres, crianças, povos originários e pessoas em situação de conflitos - mas como garantir justiça social pelas mãos dos que já são responsáveis por essa vulnerabilidade? Como clamar por 'governança inclusiva', *accountability* pela via legislativa, tecnologias, dados ou inovações para os que estão à mercê do sistema, guiados pelos interesses do mercado e escassos de recursos econômicos? Bom, até agora, pelo menos, o caminho apontado pelos desígnios da soberania alimentar não parece ser a resposta para a organização supracitada.

O sistema agroalimentar global, como diagnosticado nas partes anteriores do presente trabalho, apresenta vulnerabilidades que são sentidas especialmente no Sul Global. Segundo projeções da ONU-Habitat ([2019](#)), estima-se que até 2050 cerca de 75% da população global viverá em cidades, um cenário que já é extremamente preocupante uma vez que, atualmente, 1 bilhão de pessoas aproximadamente residem em favelas ou assentamentos informais. A questão do espaçamento social urge importância uma vez que tange praticamente todos os aspectos em relação ao indivíduo, sobretudo no que concerne à sua própria alimentação. A atual configuração espreme os pequenos agricultores locais e camponeses, e expõe os habitantes das selvas-de-pedra à dura realidade condicionada pela aquisição de alimentos ultraprocessados, com baixo valor nutricional e pelos preços cada vez mais elevados. Esse crescente, e constante, descolamento entre campo e cidade justifica a necessidade de se repensar novas alternativas de produção, distribuição e consumo, num cenário já muito enraizado. Nesse contexto, desglocalizar é questão de urgência.

5 Considerações finais

Como analisado neste relatório, o sistema agroalimentar global carrega consigo vulnerabilidades que se encarregam de aumentar a situação de fome e desnutrição no mundo. A pandemia do COVID-19 instaurou um estado de caos desordenado que gerou desemprego em massa em praticamente todo o globo, tendo por consequência principal a perda dos meios de sustento que se refletiu na dificuldade em acessar alimentos para consumo, sobretudo nos países menos desenvolvidos e entre os mais vulneráveis. Tais constatações já foram verificadas pelos resultados divulgados pela FAO no presente ano, distribuindo fome a um mundo que já se encontrava faminto.

O principal ponto a ser levantado aqui, é que consequências diretas da pandemia sobre o atual sistema agroalimentar, pelo acúmulo de falhas pelo mesmo, possuem o potencial de servir como ponto de partida para a busca de mudanças, tornando-o mais justo, distributivo e resiliente. Quando percebemos que tão poucos, controlam tanto poder e regulam tantas bocas, é porque algo está errado. Nesse cenário, desglobalizar é preciso. Assim, é trazida a perspectiva de desglobalização entra como uma via alternativa que propõe um maior alcance de resiliência e sustentabilidade pelos sistemas alimentares, deslocando a ênfase para o local. Além disso, como resultados obtidos, nas análises entre desglobalização e o projeto de reforma agrária, a partir do que fora descrito na metodologia, observa-se que se trata de um campo ainda em desenvolvimento na literatura científica brasileira, sendo o presente relatório um dos pontapés iniciais para a composição de estudos primários nesse campo.

Referências

AMIN, Samir. **Delinking: Towards a polycentric world**. London and New Jersey: Zed Books Ltd, 1984.

BAUMANN, Renato. **Globalização, desglobalização e o Brasil**. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10655?mode=full>> Acesso em 26 de agosto de 2021 às 12:48.

BELLO, Walden. **Deglobalization: Ideas for a new world economy**. London and New Jersey: Zed Books Ltd, 2004.

_____. **The virtues of deglobalisation**. TNI, 2009. Disponível em <<https://www.tni.org/en/article/the-virtues-of-deglobalisation>> Acesso em 26 de agosto de 2021 às 11:12.

CLAPP, Jennifer. **Food**, 2nd edition. Polity Press, 2016.

_____. **Food**, 3rd edition. Polity Press, 2020.

CONTI, V., CAFIERO, C.; SÁNCHEZ, M.V. **Simulating rising undernourishment during the COVID-19 pandemic economic downturn**. Roma: FAO, 2020. Disponível em <<http://www.fao.org/documents/card/en/c/ca8815en>> Acesso em 17 de março de 2021 às 20:00.

CULLEN, Maximo. **COVID-19 and the risk to food supply chains: How to respond?**. FAO, 2020. Disponível em <<http://www.fao.org/3/ca8388en/CA8388EN.pdf>> Acesso em 15 de abril de 2021 às 9:31.

DAVIS, Mike. **The monster enters: Covid-19, avian flu and the plagues of capitalism**. New York, London: OR Books, 2020.

FAO. **Estado de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo**. Roma: 2021. Disponível em <<http://www.fao.org/documents/card/en/c/cb4474en/>> Acesso em 14 de julho de 2021 às 17:40.

_____. **World Food and Agriculture: Statistical Yearbook 2020**. Roma: FAO, 2020. Disponível em <<http://www.fao.org/3/cb1329en/CB1329EN.pdf>> Acesso em 17 de março de 2021 às 20:09.

Food Prices Monitoring and Analysis. **International Prices**. Disponível em <<http://www.fao.org/giews/food-prices/home/en/>> Acesso em 17 de março de 2021 às 19:37.

GEYIK, Ozge. **Does global food trade close the dietary nutrient gap for the world's poorest nations?**. Australia: Global Food Security Journal, vol. 28, pp. 1-13, 2021. Disponível em <<https://dro.deakin.edu.au/view/DU:30147822>> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 17:13.

HUANG, Jikun; PIÑEIRO, Martin; PIÑEIRO, Valeria. **Brief 2: Global food security and market stability: the role and concerns of large net food importers and exporters**. Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales, 2018. Disponível em <<https://www.ifpri.org/publication/brief-2-global-food-security-and-market-stability-role-and-concerns-large-net-food>> Acesso em 13 de março de 2021 às 13:41.

JAPPE, Anselm et al. **Capitalismo em Quarentena: Notas sobre a crise global**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

McMICHAEL, Philip. Political economy of the global food and agriculture system. In: KASSAM, Ammir; KASSAM, Laila. **Rethinking Food and Agriculture: New Ways Forward**. Duxford : Woodhead Publishing, 2021. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/346390575_Political_economy_of_the_global_food_and_agriculture_system> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 13:46.

MOSELEY, William G; CLAPP, Jennifer. **This Food Crisis is Different: Covid-19 and the fragility of the neoliberal food security order**. The Journal of Peasant Studies, 2020. Vol.

47, nº 7, p. 1393-1417. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2020.1823838> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 17:36.

NAYYAR, Deepak. **A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na economia mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2014. 320 p.

PATNAIK, Prabhat. 1st Sam Moyo Lecture: Globalization and the Peasantry in the South. **Agrarian South: Journal of Political Economy**: 2018.

_____. Globalization and the Pandemic. **Agrarian South: Journal of Political Economy**: 2020 (p. 331-341). Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2277976020970035> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 10:59.

PAULA, Nilson Maciel de. **Evolução do sistema agroalimentar mundial: Contradições e desafios**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

PIÑEIRO et al. **Global food and water security, trade, and market stability**. G-20 Insights, 2020. Disponível em https://www.g20-insights.org/policy_briefs/global-food-and-water-security-trade-and-market-stability/ Acesso em 27 de março de 2021 às 10:53.

SCHMIDHUBER, Josef. **Covid-19: From a global health crisis to a global food crisis?**. 2020 Food Outlook, jun. 2020. Roma: FAO, 2020. Disponível em <https://reliefweb.int/report/world/covid-19-global-health-crisis-global-food-crisis> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 15:42.

SCHMIDHUBER, Josef; QIAO, Bing. **Comparing crises: “Great Lockdown” vs “Great Recession”**. FAO. Roma: FAO, 2020. Disponível em <http://www.fao.org/3/ca8833en/CA8833EN.pdf> Acesso em 17 de março de 2020 Às 18:46. SCHLENKER, Wolfram. **Agricultural Productivity and Producer Behavior**. Introdução. Estados Unidos: The National Bureau of Economic Research, 2020.

LIMA et al. Alimentação, segurança humana e relações internacionais: relações de humanidade? In: LIMA, Thiago (Org.) **Segurança Alimentar e Relações Internacionais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

UNEP. ONU: **17% de todos os alimentos disponíveis para consumo são desperdiçados**. Disponível em <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/onu-17-de-todos-os-alimentos-disponiveis-para-consumo> Acesso em 16 de agosto de 2021 às 16:53.

WALLACE, Rob. **Pandemia e Agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.